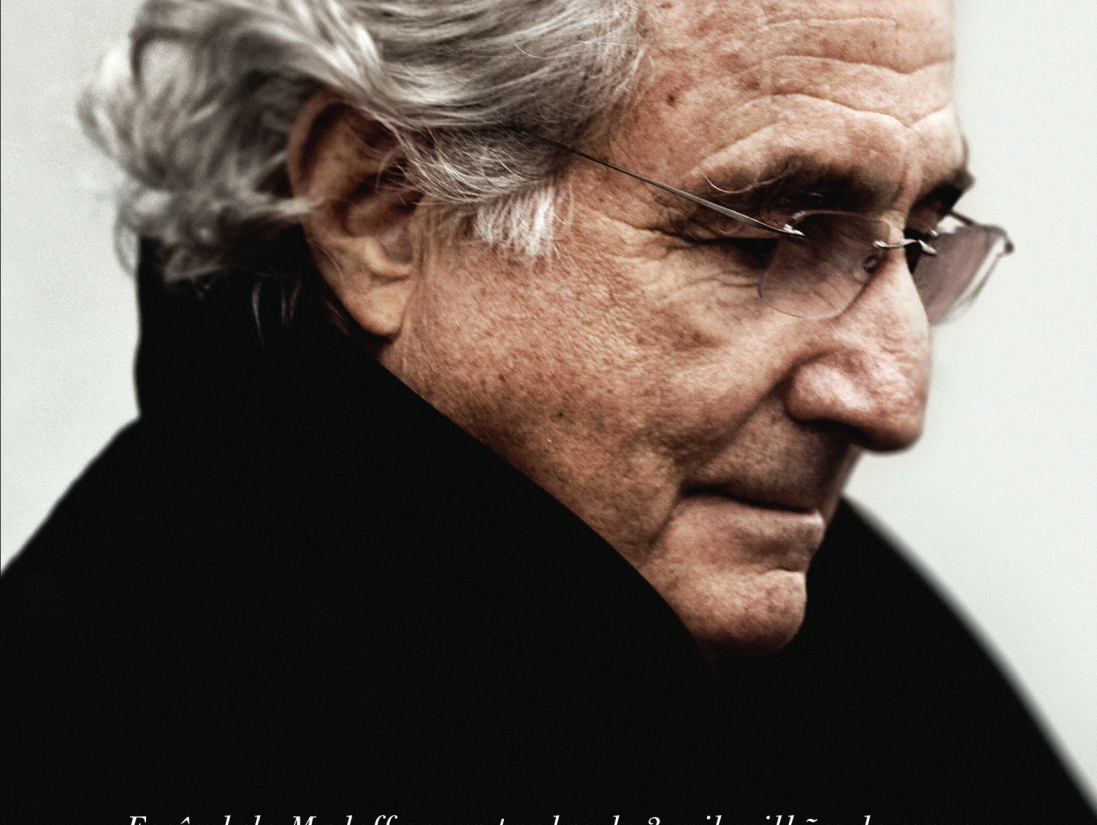

Escândalo Madoff causa perdas de 3 mil milhões de euros em Portugal e Espanha

MADOFF

A HISTÓRIA DA MAIOR FRAUDE FINANCEIRA DE SEMPRE

PETER SANDER

MADOFF

A HISTÓRIA DA MAIOR FRAUDE FINANCEIRA DE SEMPRE

PETER SANDER

CENTROATLANTICO.PT

MADOFF: A HISTÓRIA DA MAIOR FRAUDE FINANCEIRA DE SEMPRE

Autor:
Peter Sander

Editor:
Centro Atlântico

Colecção:
Desafios

Tradução:
Alexandra Cardoso / CEQO

Revisão:
Revisor – Eduardo Ferreira / CEQO

Capa:
The DesignWorks Group, Jason Gabbert

Imagem de Capa:
© Timothy A. Clary, Getty Images

Impressão e acabamento:
Papelmunde – SMG, Lda

1.ª edição: Maio de 2009
ISBN: 978-989-615-075-4
Depósito Legal: /09

Centro Atlântico, Lda.
Ap. 413
4764-901 V. N. Famalicão, Portugal

Tel. 808 20 22 21

geral@centroatlantico.pt
www.centroatlantico.pt

Reservados todos os direitos da versão portuguesa por Centro Atlântico, Lda.
Qualquer transmissão ou reprodução, incluindo fotocópia, só pode ser feita com autorização expressa dos editores da obra.

Tradução autorizada pela The Lyons Press, divisão da The Globe Pequot Press, Guilford, CT 06437 USA, da edição «MADOFF», por Peter Sander, copyright © 2009.

Marcas registadas: todos os termos mencionados neste livro conhecidos como sendo marcas registadas de produtos e serviços foram apropriadamente capitalizados. A utilização de um termo neste livro não deve ser encarada como afectando a validade de alguma marca registada de produto ou serviço.
O Editor e o Autor não se responsabilizam por possíveis danos morais ou físicos causados pelas instruções contidas no livro nem por endereços Internet que não correspondam ao pretendido.
Apesar de terem sido tomadas todas as precauções, podem ter existido falhas humanas ou técnicas na tradução e/ou edição deste livro. Por essas, ou por quaisquer outras falhas eventualmente existentes quer o Editor quer o Autor não assumem qualquer responsabilidade.

A vontade de acreditar em algo no qual é conveniente acreditar é forte em todos os domínios.

— *Kurt Andersen, escritor e apresentador de rádio*

ÍNDICE

Introdução 9

1. O esquema do Sr. Ponzi – e outros burlões famosos 17
2. O Rapaz de Queens tem sucesso 35
3. Construindo a marca Madoff 61
4. Confiança cega: recrutando os melhores e os mais inteligentes 85
5. Um passo à frente dos reguladores 119
6. «É tudo uma grande mentira» 149
7. Danos colaterais 183
8. Escolhidos de novo: os profundos efeitos no mundo Judeu 219
9. A psicologia da confiança 243
10. O legado Madoff 267

Epílogo 285

APÊNDICE A: Perfil da empresa Bernard L. Madoff Investment Securities 291

APÊNDICE B: Transacção e execução de ordens pela Bernard Madoff Investment Securities 299

APÊNDICE C: Queixa federal: U.S. vs. Bernard L. Madoff Inv. Securities 307

APÊNDICE D: A lista das vítimas de Bernard Madoff 313

APÊNDICE E: Cronologia de Bernard Madoff 323

Introdução

A 15 de Dezembro de 2008, o Meritíssimo Louis L. Stanton, Juiz Federal do Tribunal Distrital dos Estados Unidos para o Distrito Sul de Nova Iorque, nomeou Irving Picard como Executor da liquidação da Bernard L. Madoff Investments Securities LLC («BMIS»), de acordo com a Lei de Protecção do Investidor (SIPA — Securities Investor Protection Act), tal como indicado no documento anexo.

É este o epitáfio na página inicial da *www.madoff.com*, que mais se afigura como uma pedra tumular, anunciando os restos da Bernard L. Madoff Investment Securities, LLC, apenas alguns dias após a fatal manhã de 11 de Dezembro de 2008, quando o escândalo rebentou. Isto e mais algumas informações sobre como preencher um pedido de seguro SIPC, ao abrigo da Lei de Protecção do Investidor de 1970.

Nada sobre a empresa. Nada sobre os seus investimentos, caso você esteja entre os azarados. Nada sobre a sua história — nem sobre o que a empresa fez, o que detinha ou o que terá corrido mal. Nada sobre o Sr. Madoff. Nenhum *link* para «Quem somos» ou para «Contacte-nos». Nenhuma imagem de um belo pôr-do-sol na Florida, ou dos arranha-céus em Wall Street, ou do Lipstick Building, o edifício oval em granito vermelho da 3.ª Avenida da cidade de Nova Iorque, onde ele, aparentemente, geria a maioria dos seus negócios.

Apenas um epitáfio em letras brancas sobre um fundo preto.

O que aconteceu? O que aconteceu aos 50 mil milhões de dólares (sim, *mil milhões*) confiados à sua empresa por milhares de investidores, dos quais cerca de 4000 podem ter perdido tudo o que tinham, no maior escândalo de investimentos de todos os tempos? Cinquenta mil milhões? Como é que um homem perde 50 mil milhões de dólares[*] — do dinheiro de outras pessoas?

- Cinquenta mil milhões equivalem a mais ou menos 163 dólares por cada uma das 305 milhões de pessoas que viviam nos EUA em Dezembro de 2008, segundo as estimativas.
- Cinquenta mil milhões equivalem a um património líquido superior ao que Warren Buffett acumulou em sessenta anos de investimentos.
- Cinquenta mil milhões ultrapassam o que todos os estados americanos (excepto seis) gastam em cada ano.
- Cinquenta mil milhões são um valor superior ao dos orçamentos anuais dos Departamentos do Trabalho, do Interior, dos Transportes, do Tesouro e da NASA — *em agregado*.

É uma quantia suficientemente elevada para que a Comissão de Valores Mobiliários americana (SEC – Securities and Exchange Commission[†]), que comprovadamente efectuou uma supervisão negligente relativamente à empresa Madoff, afirme: «a nossa queixa alega uma fraude espantosa que parece ter proporções épicas», declarações de Andrew Calamari, o director associado da SEC para a região de Nova Iorque.

Exactamente.

---

[*] *N.E.* – Em documentos entregues ao tribunal a 10 de Março, a acusação elevou o montante da alegada fraude cometida para 64,8 mil milhões de dólares. *http://aeiou.visao.pt/madoff-vai-declarar-se-culpado-de-11-crimes=f498989*

[†] *N.T.* – Entidade reguladora dos mercados de capitais norte-americanos.

E quem é o «criminoso» que conseguiu fazer isto? Bernie Madoff. Um nome com uma sonância semelhante a «*made-off*», ou seja, «pisgou-se», como na expressão «pisgou-se com a massa toda». Mas o que aconteceu, na realidade?

Terá sido pura ganância? No que respeita ao próprio Madoff, talvez sim, talvez não. Talvez tivesse um instinto genuíno de procurar servir bem os seus investidores — consistentemente bem — sobre o qual simplesmente perdeu o controlo. Poderá ter feito algumas promessas demasiado ambiciosas para que as conseguisse honrar. Poderá tê-las feito crendo que algum dia iria ter um golpe de sorte nos investimentos e seria capaz de recuperar tudo para pagar aos investidores com legitimidade — o que, claro, se tornou impossível quando os mercados caíram em 2008.

Por outro lado, ao invés disso, o esquema de Madoff poderá ter sido deliberada e maliciosamente calculado desde o início. Poderá ter sido extremamente bem montado e camuflado, de tal ordem que só ele poderia ter conhecimento do que se estava a passar — e ser responsabilizado por isso. Madoff poderá estar a sorrir agora, sabendo que durante anos foi capaz de esconder todo o esquema dos seus fiéis clientes, dos reguladores, dos empregados e mesmo da sua própria família. A perversidade emerge nos pormenores — e esses pormenores surgem todos os dias, a cada nova informação e confissão do próprio Sr. Madoff e dos que o rodeavam.

A ganância pode ter sido ou não o motivo de Madoff, mas *não* foi, quase de certeza, o motivo dos seus clientes. Esse é um factor que torna este escândalo diferente das muitas outras quedas de *hedge funds*[*] e de outros escândalos de anos recentes. Na sua maioria, os

[*] *N.T.* – Originalmente, *hedge funds* eram fundos de cobertura de risco, mas com o tempo passaram a ser fundos mais agressivos e, como tal, deixaram de fazer cobertura ao risco. Por isso, agora são fundos de investimento, que investem com o objectivo de retorno elevado. «Fundos de alto risco» define melhor o que são hoje os *hedge funds*.

clientes* de Madoff parecem ter simplesmente procurado rendimentos estáveis. Ou seja, rendimentos superiores aos do mercado, de entre 10% a 15%, mas não os rendimentos enormes, de mais de 20%, frequentemente prometidos por outros *hedge funds* mais agressivos. Na realidade, os clientes de Madoff estavam, provavelmente, à procura de duas coisas: rendimentos estáveis, *um pouco* acima do mercado; e a oportunidade de confiar a sua actividade de investimentos e a gestão da sua riqueza a outra pessoa.

Mas ainda mais estranho do que a confiança depositada pelos clientes foi o tratamento, persistentemente distante, que a SEC e os outros reguladores deram a este caso. Será que foram enganados, tal como os clientes? Ou será que houve uma outra razão pela qual escolheram não olhar para o assunto com mais detalhe, durante a maior parte do tempo? Chegaram mesmo ao ponto de evitar o céptico analista financeiro, Harry Markopolos, que lançou o primeiro alerta à SEC em 1999, tendo denunciado o caso de um modo ainda mais perceptível e formal mais tarde, em 2005, o que levou a uma breve investigação em 2006, embora posteriormente encerrada sem consequências. Por que razão se mantiveram tão cegos, e como é que o escândalo afectará a regulação da SEC, daqui por diante?

Existem muitas mais questões e tanto os leitores como os escritores perguntam-se: onde está o resto desta história? Quem é e quem *foi* Bernie Madoff? Como é que ele começou e como subiu até chegar a ser um dos principais intervenientes de Wall Street? Como é que conse-

---

* *N.E.* – Em 17 de Fevereiro, Luís Nobre Guedes admitiu que alguns dos lesados em Portugal pela fraude de Bernard Madoff poderiam nunca chegar a receber o dinheiro que investiram, com eventuais processos judiciais a arrastarem-se anos.
«O valor global [em Portugal] que se tem referido ronda os 100 milhões de euros», disse, recordando que em todo o Mundo pode haver três milhões de pessoas afectadas.
O escritório de Luis Nobre Guedes integra o grupo de 35 firmas de advogados de 22 países que assinaram uma aliança global para procurar sinergias e formas de colaboração em eventuais processos associados à fraude.
ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1365586&idCanal=57

guiu obter uma confiança cega por parte de tantos investidores, ao ponto de os convencer a entregarem-lhe a sua fortuna sem fazerem perguntas? Como é que conseguiu evitar os reguladores durante tanto tempo? Quem são as suas vítimas e o que pensaram quando confiaram nele — e, mais tarde, quando o escândalo veio a público? Por que razão é que fez sequer o que fez? E como é que nós, enquanto investidores e cidadãos prudentes, podemos evitar semelhantes fiascos no futuro?

Este e muitos outros tópicos constituem o tema de *Madoff: A história da maior fraude financeira de sempre*. Eis como a história (tal como é conhecida durante o Inverno de 2009) será contada.

O Capítulo 1, *O esquema do Sr. Ponzi — e outros burlões famosos*, descreve os esquemas Ponzi em geral, incluindo o seu criador e os seus imitadores. Comentar-se-á alguns exemplos de outros esquemas em pirâmide, com semelhanças arrepiantes em relação ao esquema criado por Madoff.

O Capítulo 2, *O* Rapaz de Queens *tem sucesso*, oferece-nos pormenores sobre os primeiros tempos de Bernard Madoff, nomeadamente, sobre a sua infância e a sua família, e sobre como eram os bairros de Queens, onde cresceu. Falar-se-á também da sua educação e do seu início de carreira, incluindo o modo como começou a trabalhar no negócio da bolsa e as armadilhas da sua riqueza no final.

O Capítulo 3, *Construindo a marca Madoff*, abrange o seu crescimento, desde criador de mercados a gestor de investimentos, bem como a evolução da Bernard Madoff Investment Securities. Este capítulo descreve como Madoff fez fortuna na bolsa, como se tornou reconhecido como um pioneiro de Wall Street, através do seu negócio de corretagem e de negociação electrónica, e o modo como as suas tácticas mais agressivas o transformaram num líder do sector.

O Capítulo 4, *Confiança cega: recrutando os melhores e os mais inteligentes*, explora a forma como se infiltrou nos mais abastados cír-

culos de judeus e da comunidade internacional, as suas técnicas e tácticas de vendas, e os fundos de alimentação e os recrutadores que faziam parte do seu esquema. Incluir-se-á também aqui uma breve explicação sobre os *hedge funds*, e sobre como Madoff se tornou um gestor de investimentos e um operador de *hedge funds*.

O Capítulo 5, *Um passo à frente dos reguladores*, discute a SEC — o que é e qual a sua função — juntamente com as leis dos valores mobiliários mais importantes no caso de Madoff. Este capítulo abrangerá também as investigações importantes, especialmente a arrepiante e premonitória exposição do analista de investimentos Harry Markopolos, que lançara o alerta com toda a veemência três anos antes de o escândalo ter sido descoberto. Finalmente, comentar-se-á o que a SEC fez — e o que não fez — assim que o escândalo Madoff ocorreu.

O Capítulo 6, *É tudo uma grande mentira*, explica os eventos que levaram à detenção, bem como a queixa enunciada pela SEC, a própria detenção e os procedimentos iniciais da investigação e as acções para obtenção de justiça. Neste capítulo, realiza-se também uma análise sobre se as rentabilidades dos investimentos Madoff relatadas seriam sequer possíveis ou se seriam também uma mentira.

O Capítulo 7, *Danos colaterais*, explora o profundo impacto sobre os fundos de investimento, sobre os indivíduos, as associações de caridade e outros grupos. Quem perdeu dinheiro, quanto perderam e o que as vítimas disseram nos centros de impacto de Palm Beach e Nova Iorque é também descrito aqui, juntamente com os efeitos iniciais sobre o mercado financeiro em geral.

O Capítulo 8, *Escolhidos de novo: os profundos efeitos no mundo judeu*, oferece uma análise mais profunda sobre o impacto na comunidade judaica, incluindo nas fundações, nas associações de caridade e noutras organizações não lucrativas. Explorar-se-á também as provas do surgimento de uma nova onda de anti-semitismo e os seus efeitos

mais abstractos no espírito judaico, bem como no sentido que os judeus têm do seu lugar no mundo.

O Capítulo 9, *A psicologia da confiança*, oferece um olhar sobre os pensamentos e as teorias acerca de o que motiva um vigarista de investimento, a razão pela qual faz o que faz e por que razão os seus esquemas funcionam. Contudo, tecer-se-á também um olhar sobre o outro lado da questão, isto é, sobre a psicologia da confiança e as razões pelas quais alguns investidores sábios e experientes são levados a reagir cegamente.

O Capítulo 10, *O legado Madoff*, investiga o modo como o escândalo Madoff irá afectar as normas e a regulamentação, a imagem de Wall Street e as suas práticas de negócio, qual o seu significado para os investidores individuais e o que os investidores devem fazer no futuro para se precaveram contra esquemas semelhantes e gerirem o seu dinheiro com maior sabedoria.

Dever-se-á ter em conta que este livro reflecte os factos apurados na investigação conforme divulgados em finais de Janeiro de 2009, menos de dois meses após o rebentar do escândalo. É muito provável que a investigação e as suas consequências durem anos e que mais factos, tanto referentes ao escândalo em si, como ao próprio Madoff, surjam inevitavelmente. Não é, no entanto, provável que esses factos venham a acrescentar algo de muito relevante, na medida em que deverão sobretudo prender-se com alguns detalhes meramente adicionais sobre a história principal. O escândalo Madoff é um dos maiores e mais audaciosos crimes de todos os tempos, de tal ordem que todos se perguntam como poderá ter sequer ocorrido. Sempre com essa ideia em mente, convidamo-lo a continuar a ler…

CAPÍTULO 4

Confiança cega: recrutando os melhores e os mais inteligentes

Eu conheço o Bernie — eu consigo fazer com que possa investir no fundo.

— Mike Engler, amigo e recrutador de Bernie Madoff

Quem era capaz de dizer não a Bernie?

Ali estava um homem de voz suave, gentil, afável e de modos agradáveis, com um rosto juvenil, um sorriso engraçado e o típico nariz e traços semitas. Um homem que pareceria tão à vontade em casa, no seu jardim, ou no seu escritório, de roupão, como num escritório onde se movimentava centenas de milhões de dólares, todos os dias. Um homem que tanto poderia beber um copo de leite ao jantar como um martini duplo. Um homem que ao lado da sua esposa, Ruth, uma mulher, activa, atraente e afável, parecia integrar-se ainda melhor no grupo e ficar ainda mais à vontade.

Imaginemo-nos na seguinte situação: conhecemos a reputação de Bernie há anos. Um super-investidor, um investidor sólido, uma pessoa que está sempre disposta a resolver tudo por nós. A reputação sólida e as credenciais que conseguiu fazem, à partida, com que mereça a nossa confiança. E para além da reputação e das credenciais,

também as posições de poder e de autoridade que ocupou no complexo mundo financeiro convergem no mesmo sentido. E, depois, existem também experiências comuns. Teremos provavelmente partilhado muitas das suas experiências nos tempos de juventude. Temos, provavelmente, mais ou menos a mesma perspectiva em relação ao dinheiro e à riqueza, e ao estilo de vida que nos podem proporcionar.

Provavelmente, teremos jantado juntos, frequentado os mesmos acontecimentos sociais, alguns de apoio a interesses de caridade comuns. Doámos possivelmente para as mesmas associações de caridade, frequentámos a mesma sinagoga, jogámos golfe ou fizemos vela juntos. Acompanhámos as mesmas equipas desportivas, lemos os mesmos jornais. Quando não estávamos em Nova Iorque ou na Florida, provavelmente viajámos para os mesmos sítios. Trocámos as nossas histórias favoritas sobre Wall Street e conversámos sobre os mesmos assuntos financeiros, políticos, religiosos e sociais da actualidade.

E, assim, quando surgiu a hipótese de investirmos naquilo que já conhecíamos bem, de investirmos com quem conhecíamos de perto, com alguém que partilhava as nossas ideias e carácter, por que não avançar? Até mesmo porque, como tão bem sabemos, a comunidade que tem o privilégio de o poder fazer é bastante exclusiva. Temos dinheiro suficiente, uma elevada posição social. Logo, também nós podemos investir com o Bernie Madoff. Porque não? O que temos a perder?

O final *desta* história já se sabe.

O resto deste capítulo irá focar a «outra vida» de Bernie Madoff enquanto gestor de investimentos — o que vendia e como o vendia. Através dos seus próprios esforços e dos esforços dos promotores e dos denominados «fundos de alimentação» à sua volta, criou a «confiança cega» necessária para atrair as suas vítimas inocentes para o esquema.

Tornar-se um gestor de investimentos

Para compreender como Madoff se iniciou na área da gestão de fortunas, temos de voltar um pouco atrás, até aos seus primeiros dias como corretor. Algures, durante esse tempo, provavelmente no início dos anos 60, Madoff começou a gerir investimentos para terceiros. Não existe um relato sólido de como, quando ou para quem terá procedido a essa actividade de gestão de fortunas, nem tão pouco de quais as quantias envolvidas nos primeiros passos que deu nessa área. Alguns relatos indicam que tudo pode ter começado com o seu velho amigo e mentor Carl Shapiro. Poderá também ter incluído algumas instituições, associações de caridade ou fundações pequenas. Na verdade, não existem muitos registos que possamos seguir.

Para compreendermos a nova linha de negócios de Madoff, temos de compreender que um fundo de investimentos privados, tal como o que Madoff iniciou é, na realidade, um *hedge fund* — um conjunto de activos de investidores privados, em grande parte não regulados, estabelecidos para proteger os investidores das quebras do mercado — ou, mais frequentemente, hoje em dia, para ultrapassar as rentabilidades médias do mercado.

Mesmo que sob outra designação, trata-se de um *hedge fund*

Os investidores normais têm milhares de escolhas de investimentos, desde acções individuais a obrigações, a fundos de investimento e a fundos transaccionados na bolsa, apresentados como valores mobiliários «regulados». Seja num investimento específico ou num «fundo» de investimentos, tal como um fundo de investimento tradicional, estes títulos têm de cumprir certas leis que são emitidas pelo governo fede-

ral e aplicadas, geralmente, pela SEC, a Comissão de Valores Mobiliários americana.

Muitos investidores procuram, sabiamente, deixar «a gestão nas mãos de outras pessoas». Por outras palavras, não se sentem à vontade ou julgam não ter informação suficiente para fazerem investimentos. Têm porventura falta de confiança, ou querem simplesmente dedicar o seu tempo a fazer outras coisas, tais como exercer medicina ou desfrutar da reforma. Estes investidores querem alguém que seja um profissional, um especialista capaz de seleccionar investimentos individuais e construir uma carteira «diversificada», de modo a maximizar os ganhos ao mesmo tempo que reduz o risco.

Este tipo de investidores investe em fundos — carteiras de acções e de outro tipo de investimentos, geridos profissionalmente. Escolhem (ou deverão escolher) estes fundos com base nos seus objectivos de investimento, no seu sucesso, nos seus custos e no tipo de experiência dos seus conselheiros profissionais.

Fundos de investimento tradicionais

Os investidores de fundos de retalho normais investem tipicamente em fundos de investimento tradicionais. Estes compõem «empresas de investimentos» — conjuntos de investimentos desenvolvidos para alcançar certos objectivos de investimento, normalmente para capitalizar sobre o crescimento, o rendimento, ou uma combinação de ambos. Foram autorizados e são regulados pela Lei das Sociedades de Investimento de 1940. Esta lei é muito específica relativamente a como os investidores devem ser tratados, como o fundo deve apresentar os resultados e como os investidores são pagos por estes fundos. A garantia de cumprimento é forte, uma vez que a aplicação da lei é firmemente supervisionada pela SEC. Existem cerca de 9000 fundos de investimento actualmente que se transformaram num grande apoio

para o cidadão comum, especialmente no que diz respeito ao plano 401K e aos investimentos noutros planos de reforma.

Os investidores de retalho típico têm, provavelmente, de se conformar com os rendimentos relativamente normais que estes fundos geram. São, na sua maioria, seguros, mas tendem a não render acima do mercado. Mesmo assim, são melhores do que as alternativas, como os depósitos a prazo que pagam pouco (na realidade, esses depósitos a prazo tiveram um bom desempenho em 2008, mas isso foi uma verdadeira excepção à tendência de longo prazo). São melhores do que outras vias que podemos seguir sem saber o que estamos a fazer, acabando por nos envolver em investimentos errados — tais como a Enron, a Fannie Mae ou o Washington Mutual.

Mas, suponhamos que temos a sorte de ter bastante «capital para investir» — um milhão ou mais; ou até umas dezenas de milhão, o que seria ainda melhor. Não nos contentaremos em obter a rentabilidade média do mercado e preferiremos gerir o nosso negócio, ou comandar o nosso navio, a escolher acções individuais. Queremos um pouco de sal nos nossos investimentos, queremos estar entre os grandes, obter rendimentos acima da média. Queremos 10%, 15% ou 20% em vez dos 5% com que todos os outros se conformam. Afinal, até merecemos: trabalhámos bastante, pertencemos a uma classe privilegiada e queremos investir do mesmo modo que os outros privilegiados investem.

Até há bem pouco tempo, era provável que tivéssemos escolhido um *hedge fund*.

As isenções dos *hedge funds*

Pretendendo não interferir demasiado no mundo das fortunas privadas e do capital, a Lei de 1940 inclui duas excepções, que são frequentemente utilizadas para isentar determinados tipos de fundos de uma regulação muito apertada. Estas excepções podem ser encontradas nas

A HISTÓRIA DE UMA FRAUDE DE 65 MIL MILHÕES DE DÓLARES O MAIOR ESQUEMA «D. BRANCA» DE SEMPRE

A história do maior escândalo de investimentos de sempre é contada por um financeiro que assistiu ao seu desenvolvimento.

Em Dezembro de 2008, com uma crise financeira a varrer a América e o mundo, Bernard «Bernie» Madoff, uma figura de topo de Wall Street e antigo presidente do Mercado Bolsista do NASDAQ, lançou uma 'bomba': durante anos defraudou milhares de investidores em todo o mundo – desde indivíduos abastados e fundos de alto risco, a organizações de caridade, sinagogas e universidades – num valor que se estima atingir os 65 mil milhões de dólares. De um dia para o outro, a frase «esquema de Ponzi» – uma estratégia de investimento fraudulenta, que paga rendimentos aos investidores iniciais com o dinheiro investido por outros posteriormente – tornou-se sinónima do nome de Madoff.

No primeiro relato abrangente deste escândalo épico, Peter Sander acompanha a ascensão de Madoff desde os seus tempos de comum jovem estudante judeu a negociador de Wall Street, de criador de dinheiro a gestor de fortunas. A sua narrativa apaixonante analisa como Madoff construiu a sua marca, como se infiltrou nos círculos influentes e como o esquema foi descoberto. Ficamos a saber mais sobre um homem bem conhecido por não se poupar a despesas pessoais – desde dois iates de luxo de 23 e 17 metros, aos quais deu o nome de «Bull», até ao seu elegante apartamento de cobertura no Upper East Side e a duas mansões à beira-mar. E descobrimos como Madoff – um judeu, cuja detenção foi designada como «alimento» para os anti-semitas – causou ironicamente enormes prejuízos, especialmente nas organizações judaicas. Sander pergunta: como é que Madoff convenceu tantos investidores sofisticados a desfazerem-se das suas fortunas sem fazerem perguntas? Como é que iludiu os reguladores durante anos? Até que ponto Wall Street será afectada? E como poderemos nós, enquanto investidores e cidadãos prudentes, evitar que volte a acontecer um malogro semelhante?

ISBN 978-989-615-075-4